

# **A construção da primavera**

Adriana Aneli

# Prefácio

Lunna Guedes

[...]

*“Há o perigo de um grito lindíssimo quando andas assim comigo no invisível”*

— In. “Pena Capital”, de Mário Cesariny

Depois de ler “a construção da primavera”, na companhia de um expresso ristretto... conclui que a vida é feita de pausas. Sim, eu já sabia disso... mas, na contramão da realidade, algumas coisas nos escapam.

Deixamos de olhar para o lado e perceber a cadeira vazia... o feixe de luz que desce sobre a mesa, junto à vitrola em estado de abandono, com restos de nós... café! Usamos óculos para corrigir pequenos erros de visão... e acabamos por perder instantes inteiros, uma vida inteira.

A realidade não é fácil, admito... e, viver tanto tempo se alimentando da ilusão, acaba virando desculpa para o “não ver”. Aquele azul da manhã a colorir a paisagem, caramelando as nossas sensações. O sinal fechado para as idas e vindas. A rua vazia com suas casas em pares...

Nos dias atuais, de tanto ler, acabo por não ler... apenas enxergo palavras a compor frases. Virou um gesto mecânico. Tropeço no ato do “ser melhor”, sempre — quase uma obsessão. Acuso a incapacidade de ler... e lamento ser refém de um desejo: à perfeição. Perder a poesia, não alcançar as metáforas.

Contudo, ao ler-te... me afastei de mim mesma e percebi, por um instante (breve imenso, não sei...), que, quando um livro é bem escrito, a poesia acontece e interfere na pele, na alma... a partir dos olhos. Por isso, digo — com algum prazer e imensa satisfação — que eu me perdi de todos os mapas que trago em mim.

Escrever, para mim, sempre foi respirar, e ler... perder o ar! Ler as linhas de Adriana Aneli — minha autora — em ordem-desordem, orientadas por estações próprias (do ano) da vida... me fez perceber o prazer de conjugar certos verbos, sem preocupações de técnica e didática — apenas leitura, como da primeira vez em que me brindaram com um livro e, em estado de espanto-encantamento: devorei faminta um punhado de páginas.

# Inverno

fruta madura trava a boca

cigarro esmagado no cinzeiro da sala

no quarto ao lado

pende o enforcado

teatro de sombras à luz de velas

pássaro que escapa pela janela

é abatido no voo.



O céu está cinza ameaçador e venta. Na rua, um redemoinho carrega destroços da guerra urbana: caixa de sucrilhos, embalagem de sabão em pó, saquinhos de compras e alguns panfletos executam seu balé. Ao final do espetáculo, a chuva cai.

Desço do carro e caminho sob proteção. Um mendigo enrolado em seu cobertor cuida para que não o arraste na calçada imunda. Penso em dar a ele meu guarda-chuva. Ele nota em meus olhos alguma intenção, mas simplesmente passa por mim.

Inerte, eu não lhe entrego nada.



Frio. Até com o ar condicionado desligado, frio. A ventania de ontem derrubou uma sibipiruna na minha rua. Gigante de pés de barro.

O trânsito ficou impedido. Um homem vende balas em sua cadeira de rodas; deixa-as penduradas nos retrovisores dos carros. Tenho pressa, mas diante da contrariedade, abaixo o vidro e deixo algumas moedas caírem em suas mãos. O contato me causa aflição: a sujeira pegajosa e a pele endurecida.

Quando o guarda faz sinal para seguir, acelero. Do retrovisor, o pacote de balas se desprende na primeira curva.



Ainda sobre a queda da árvore. Todos comentam que foi a consequência da reforma no imóvel antigo, onde plantada. Abalou suas raízes.

Não posso ignorar essa informação, já que propus a mim mesma uma reestruturação durante quatro estações. Medo de, ao final, desabar sobre meus próprios escombros.



Passo pela rua em que, há um ano, a parede de uma construção desabou matando um homem que caminhava pela calçada. O mesmo fato se repete em outros bairros: são casarões do século XIX, derrubados para dar lugar a prédios comerciais ou estacionamentos. A fachada é preservada e o passado é descartado.

Progresso: nossa história em ruínas; sobrevivemos, como uma maquete oca.



Gripe. O corpo dói por inteiro. Não tomo remédios e deixo a doença seguir seu ciclo.

Padeço o autoconhecimento; não vou apressar as coisas.



Paciência porque o período é de desintoxicação; eliminando tudo aquilo que me faz mal.



Há um tigre solto dentro de casa. São vários os cômodos em que ele se esconde. Não se podem domesticar os tigres, principalmente o branco. Sinuoso, feroz e imprevisível ataca quando menos se espera. O medo é meu tigre branco.

Tigres brancos não são encontrados na natureza.



O medo de ter medo. A ansiedade antecipatória impede gestos simples: um telefonema, atravessar a rua, cumprimentar, tirar fotografia. Autocrítica e rigidez.

Meu tigre me obriga a ser adolescente aos 40 anos.



É preciso sair das sombras, dizem. Tento: o caminho é de cimento fresco.

Arrasto o peso que se acumula na pressa de escapar para sempre.



Por hábito, um dia de descanso no começo de mês ou no dia em que doo sangue.

Não doei sangue. Voltei sobre passos antigos, à rua em que estudei, num bairro de muito tempo atrás. Não encontrei nenhuma conexão. Antes de desistir, dar

meia-volta, avistei um ipê branco, tísico, plantado na ilha da Avenida Domingos de Moraes. Uma adolescente fotografa a planta com admiração: inverno, acinzentado, ainda assim sabe florir.

Recebi sangue novo: seiva correndo em minhas veias.



A cidade cansou de se mostrar cinza. Seca e poluição. A demanda é pelo verde. Espalham-se jardins verticais e hortas urbanas nos tetos dos prédios.

Espaços criteriosamente organizados para nos lembrar de que há o tempo da dor e o tempo da cura.

A luta silenciosa não admite perdedores.



(Pardal voa pela paisagem imaginária e se choca contra o vidro da sacada).



Hoje haverá uma intervenção na minha rua. Carolina por trás da cortina, quando começa eu não desço. Daqui assisto balanços serem instalados nas árvores, hortas verticais, grafites nos muros, teatro de rua.

Gosto do que vejo: a ocupação do espaço público numa cidade que se pensa tão desumana.

Há sede de convivência e um sol que começa a brilhar dentro mim.

# Primavera

ela chega

sol suave sobre flores brancas

alheia

ao tempo que se esqueceu dela

os copos-de-leite têm uma beleza que me atordoa

compro doze

pétalas tenras sobre o caule longo

eles vão morrer em um dia, meus copos-de-leite!

a florista segue seu caminho

indiferente

ao meu desespero.



Sol intenso logo pela manhã. Enxaqueca. Penso que já é primavera e pesquiso para descobrir:

— Inverno: de 21 de junho a 23 de setembro;

— Primavera: de 23 de setembro a 21 de dezembro;

— Verão: de 21 de dezembro a 21 de março;

— Outono: de 21 de março a 21 de junho.

Se o calor se projeta com tanta intensidade no final deste inverno, posso esperar o melhor ano da minha vida acontecer aos 40?



*“Irei para uma outra terra, para outros mares; encontrarei outra cidade melhor do que esta.”*

Coloco na mala destroços do mesmo sempre.

*“Não há nenhum barco à sua espera, nenhuma estrada para fora da cidade”.*

Ainda assim eu vou. Pelas ruas que se cruzam infinitamente, a cidade me acompanhará.



Estou numa cidadezinha do interior, na época da eclosão das cigarras. As louveiras do quintal são seu santuário.

As ninfas passam um ano embaixo da terra. Sincronizadas, saem do chão todas ao mesmo tempo, deixando suas cascas presas nas árvores. Ganham asas: por duas semanas cantam e se acasalam. Morrem, deixando ovos espumados nos galhos das árvores. Quando os ovos eclodem, novas ninfas caem como gotas de chuva. Mergulham na terra.

É o que temos a fazer, antes que pássaros famintos nos abocanhem.



Dia de visitas.

No entardecer, também recebo o ouriço cacheiro e uma mariposa gigante.

O ouriço enrola-se sobre si mesmo quando se sente ameaçado. A mariposa voa para longe. Preciso decidir com qual dos dois me identifico.



Borboleta.

A bússola solar da monarca pulsa. É primavera e o calor me desperta da longa hibernação.



No laguinho artificial, descubro alevinos escondendo-se nas raízes das plantas. Também os peixes lutam pela sobrevivência. Um gato olha fixamente para a água... Pássaros dão mergulhos certos.

Sobre a pedra, o corpo semidevorado do espadinha renova minha crença infantil no bem e no mal.



O dia amanhece preguiçoso nesta cidade. Bichos e plantas despertam com a luz do sol e seguem seu curso.

No autôfalante da cidadezinha anunciam o falecimento. Ouço a música fúnebre, enquanto sanhaços e bem-te-vis se revezam sobre a fatia de mamão que deixei para eles. Um após o outro, infinitamente... Nunca ao mesmo tempo.

Cigarras continuam sua melodia. Fico em paz. Ganho um olhar generoso sobre todas as coisas, sobre a vida.



Tomo a decisão: apanhar todos os panfletos que me entregam na rua, não destratar vendedores, caixas, atendentes de telemarketing.

Fim das garantias individuais, extensas jornadas, coerção, violência, ameaça, dívida fraudulenta. O trabalho aviltando o homem, 128 anos após o fim da escravidão.

Análogos: nossa consciência terceirizada.



Um carro na rua grita o pancadão em potentes autofalantes. Paredes e janelas vibram.

A música de raiz me entusiasma: a pesquisa histórica de ritmos e a restauração de instrumentos antigos. Villa-Lobos, Mário de Andrade, Christina Pluhar, Yo-Yo Ma, La Petite Bande, Carlinhos Antunes, Rai Anciola, Marcus Pereira — garimpeiros.

Segue a trilha sonora do mundo globalizado. A música eletrônica sugere que daqui a milênios, sem combustível ou energia elétrica, seremos lembrados como uma civilização silenciosa.



O som da terra, a memória da água, os protestos do fogo, os recados do vento.

*“Pobre de aquel corazón*

*Que no guarde su esperanza.”*



Evito cheiros doces, gosto do amadeirado, enlouqueço com os cítricos, minhas memórias remotas.

Infância na praia, brincadeira no quintal; passeio pela manhã, mãos dadas, meu presente.

Respiro fundo. O pulmão se abastece dos melhores pensamentos enquanto a cica floresce.

Plantei uma no quintal. Aguardo, ansiosa, a primeira flor de abacaxi.



Mais uma estação que se vai, e com ela vários projetos a que me dediquei este ano. A sensação é de dever cumprido? Há um misto de alívio e de vazio. Quando um ciclo se fecha, é preciso voltar a atenção para as próximas escolhas.

Que o sol saia definitivamente detrás das nuvens. É um desejo.

# Verão

*“[...] Quantas flores sobre a terra! Tende piedade das flores caídas. Não se deve varrê-las e misturá-las à lama; mas conservá-las para as abelhas”.*



paranoica entre eletrodomésticos

aguardo

inadequadas raízes se espalham

levanto calçadas

tempestade urbana me desconecta.



São Paulo amanheceu vermelha: Viaduto do Chá, Biblioteca Mario de Andrade, Ponte das Bandeiras, Monumento às Bandeiras, Borba Gato, Câmara dos Vereadores, Sala São Paulo, Sede da Secretaria de Desenvolvimento Social, Sede da Secretaria de Saúde, Fonte do Parque do Ibirapuera, Instituto do Câncer, Memorial da América Latina e Assembleia Legislativa: é uma campanha.

Doadores de sangue correspondem a apenas 1,9% da população. Faço parte desta minoria, desde os 18 anos, duas vezes ao ano.

Algumas dezenas de vezes em que eu me sinto realmente feliz.



O dia quente renova minha vontade. Saio de casa, vou ao mercado e, no fim das compras, puxo da frente do caixa uma barra de chocolate. A funcionária me pergunta se eu sei o quanto custa... O caixa do lado se aproxima: — São onze reais só porque é de amêndoas; o tradicional da marca custa apenas dois e cinquenta!

Já vou devolvendo quando a funcionária me diz: — se você comprar, volta aqui para dizer se é bom mesmo? A gente tem vontade, mas falta coragem para comprar.

Pago pelo chocolate. Abro ali mesmo e digo a eles que vamos descobrir agora se é bom. Compartilhamos o doce. Nossa risada é cortada pela gerente chegando com a bronca.



Assisto à faxineira do prédio em frente passar as pernas para fora da sacada. Ela limpa a vidraça do 20º andar, sem nenhuma proteção ou segurança. Ligo para os bombeiros, que dizem: — não podemos fazer nada, senhora.

Saio de casa. Atravesso a rua e aviso o zelador... Vou com calma... Fazer o que é certo.



Impensável durante o inverno, atravesssei a rua. Sol a pino obriga à trégua.

Sei exatamente onde o tigre descansa. A meus pés, ronrona como um gatinho aquecido.



Integração. Vontade. Mudança. Uma coisa leva a outra e, quando se vê, comprei minha bicicleta.

Entre a hostilidade dos carros e o tornozelo torcido, o vento acariciando meu rosto com liberdade.



Tenho algo ainda melhor: casaram-se duas amigas. Uniram seus corpos e sua arte.

Moro neste país em que as pessoas constroem família a partir do amor. O sol se ocupa da felicidade e a vida floresce em delicadezas.



Vivo a sorte do amor. Conto tudo a ele. Construimos sobre a base sólida do autoconhecimento.



Ao redor da mesa, conversam distraídos, todos diferentes em alguma medida. O dia abafado torna inquietos os menores, que correm pela sala.

Observo de longe a bela figura que surge: há vinte anos reúno fragmentos preciosos para o meu mosaico.



Quando acordo, ela ainda não se despediu da noite. Sai de casa na chuva, às vezes, de pijama. Colecionadora, conhece em detalhes o organismo vivo da cidade

em que moramos.

Ainda assim, pede minhas impressões sobre tudo: nosso ritual de divertimento.



Também sou colecionadora. Não acumuladora. Há diferenças. Ouço as histórias que os objetos contam: desejos e dores humanas testemunhadas em segredo.



Há uma sombra que se prolonga sobre a terra, incendiando pneus, plantações e o coração da gente. As ruas fervem sua agonia de não ter, não poder, não dever.

Ameaçam nossa liberdade... não é momento para calar!



— Combustível.

— Calor.

— Oxigênio.

Fogo combate fogo. Intolerância contra intolerância.

Não encontro vencedores.



Uma libélula invade a exposição de esculturas inspiradas no livro *Sobre Lagartas e Borboletas*. Curiosamente, seu nome vem do latim *libellulus*, diminutivo da palavra *liber* e significa “livro”.

Inseto-símbolo da transformação inspira o desapego, a humildade e a efemeridade.

Fim da metamorfose? A vida é um sopro.

# Outono

feito a carvão o sorriso desaparece

lápiz forçado contra o papel

pretende marcas

hidrocor guache spray tinta para tecido

inútil:

volátil é o tempo.



Emite seu som de alerta: o gavião está na área. Saguís se assanham a vista de todos — são novos, não puseram a mão na cumbuca. Ouriço açulado espia de longe, pássaros desesperados guardam de volta seus filhos às cascas.

Insetos admiram seu voo, esquecem, também eles, que estão na base da pirâmide.



Aos dez anos, o menino é abatido a tiros. Gorila escapa-se à peça de teatro, para ser trucidado em zoológico. Máscara sobre máscara.

Na dúvida nos drogamos com nossas convicções.



Para ele dói mais. Viu de perto o ódio se tornar esperança. Acreditava que finalmente...

O passado: refluxo queima a garganta e impede o grito.

Aguardam-se prisões. Sem julgamento. A liberdade é um sonho roubado.



Ele está certo; do verão amo a tempestade, que estranhamente se antecipa no outono, este ano.

*“Percorria o vidro com a ponta dos dedos, respirava fundo — como quem morre — e misturava o lado de fora ao lado de dentro...”*

Compartilhei desta chuva de hoje... a de sempre... a memória: somos 60% água, matéria líquida aconchegada à passagem do tempo.



Está excepcionalmente frio este outono. Há também a névoa densa que não se dissipa.

Na rua, assisto novas encenações da mesma tragédia. A miséria impotente testemunha a ignorância.

*“No hay que ser pobre, hijito, es peligroso. No hay que nacer, hijito, es peligroso”*: a chuva fina marca a tensão até tomar humores de tempestade.



Sobre a distância entre o céu e a terra, estende-se o lençol de estrelas-fantasma. Atendo ao chamado; vozes dos despossuídos, ossos do deserto, cemitérios

clandestinos, corpos gelados em água salgada. Aqui e por toda parte a lama insiste.

*(“Chile está lejano y es mentira”)*

Insistimos mais: a insolência de sobreviver. Para mudar.



Dores insepultas.

*“La tierra voraz espera enamorada.*

*Yo soy um cuerpo que no olvida.”*



Perco hoje o meu amigo mais querido. A transitoriedade me atinge com seu soco no estômago.

Busco memórias amenas para aniquilar a sensação. Perda, conheço com intimidade: entorpecimento, inconformismo, desespero, aceitação.

Fases da lua. Aproveito a luz pálida do luto para caminhar em silêncio.



Faço um pacto irrevogável com o tempo: ele passa, eu me conformo.

Aprecio o autorretrato que se forma. Arredondado e em tons pastéis, abrandando-se o meu destino.



Do ponto em que parei: seu voo. Flores germinadas nos jardins do útero. Sangue circula; desejo que se derrama quente pelos pensamentos do corpo. O peso da renovação.

Com elas, a continuidade.



Gosto do vapor que se forma após o banho quente. Quando a luz atravessa a vidraça, partículas coloridas se equilibram na nuvem morna.

Deusa do amanhecer, vento do Norte, cauda de raposa, valquíria em armadura brilhante... alma dos mortos.

Minha aurora boreal dura poucos minutos: as lentes que curam a miopia também estragam minha brincadeira.



Encontro paz nas montanhas do Chile. No silêncio gelado, a resignação dos esquecidos.



*“... Y me quedo velando*

*por años en la selva*

*tus huesos, tu ceniza,*

*inmóvil, lejos*

*del odio y de la cólera”*

# Notas e créditos

## Referências:

Epígrafe: versos de “A chave”, *As canções de Bilitis*, Pierre Louÿs, França, 1894.

Epígrafe final: versos de “El tigre”, *Los versos del Capitán*, Pablo Neruda, Chile, 1963.

Texto 2, primavera: poema “A cidade”, Konstantinos Kaváfis, Grécia, 1935, livro póstumo.

Texto 10, primavera: versos da canção “Arenitas del camino”, Atahualpa Yupanqui, Argentina, 1961.

Texto 13, verão: Exposição “Sobre lagartas e borboletas”, escritura de Flávia Taïano inspirada no livro *humanismo*, ed. Scenarium, 2015, no Centro Cultural Abrigo do Bonde, Niterói, RJ.

Texto 4, outono: verso de “A los hombres de la pampa”, *Cantata de Santa María de Iquique*, de Luis Advis e Quilapayún, Chile, 1969.

Texto 6, outono: trecho de “Digo-me... se no final terei que me arrepender!”, do blog *catarina voltou a escrever*, Lunna Guedes, [catarinavoltouaescrever.wordpress.com](http://catarinavoltouaescrever.wordpress.com), Brasil, 2016.

Texto 7, outono: verso do livro *Anteparaíso*, de Raúl Zurita, Chile, 2013.

Texto 8, outono: verso do livro *Território*, Anahí Cao, Argentina, 2013.

Publicação original Scenarium Livros Artesanais, 2016, parte integrante da coleção Diário das 4 estações.

Revisão: Júlia Bernardes